

Socialização e religiosidade dos adolescentes: será possível a construção de um novo sujeito social?

Angela Maria Lucas Quintiliano

Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP

angelamariaq@bol.com.br

Resumo:

Partindo do pressuposto que é dentro do processo de socialização que se inicia a assimilação de valores culturais e referências identitárias que darão o suporte para a necessidade humana de significar o mundo e a vida, espaço do mundo simbólico onde atua a religiosidade é impossível, nessa construção, ignorar o papel das instâncias socializadoras tradicionais, como no caso a família. Nesse sentido, a indagação que se coloca tenta compreender como a família está se articulando com as novas instâncias socializadoras, próprias do contexto contemporâneo, como por exemplo, a mídia, e em que medida essa articulação colabora para que se estabeleça um diálogo aberto capaz de auxiliar na construção histórica de uma nova identidade social, que parece estar surgindo através de uma percepção ética, inserida na dimensão religiosa em formação de um grupo específico de adolescentes.

Palavras-chave: socialização; adolescentes; religiosidade; família.

Abstract:

When it proceeds from the assumption what is inside the process of socialization that begins the assimilation of cultural values and references identitárias that they will give the support for the human necessity of meaning the world and the life, space of the symbolic world where the religiosity acts is impossible, in this construction, to ignore the paper of the persistence socializadoras traditional, since in the case the family. In this sense, the investigation that is put tries to understand like the family that it is if articulating with the new persistence socializadoras, own of the contemporary context, I eat for example, the media, and to which measure this articulation contributes so that there is established an open dialog able to help in the historical construction of a new social identity, to which it seems to be appearing through a perception ethics inserted in the religious dimension in formation of the specific group of adolescents.

Key Words: socialization; adolescence; religiosity; family.

1. Introdução

Como professora atuando em escolas da rede particular da Zona Norte de São Paulo, percebo nos últimos anos uma profunda transformação na maneira como os adolescentes manifestam sua interpretação quanto às formas de significação do mundo e do existir no

mundo, demonstrando diferenças significativas com relação às gerações das duas últimas décadas.

Algumas indagações se colocaram para compreender os “sinais” dados pelos adolescentes, que acabaram por produzir uma pesquisa de campo apresentada em nossa dissertação de mestrado, da qual estaremos apresentando alguns dados que se referem ao processo de socialização no contexto contemporâneo e a dinâmica de interações entre as instâncias tradicionais, neste caso a família, e a mídia, possibilitando novas configurações na formação do imaginário e na forma de dar significados ao mundo e à existência, para nós espaço próprio da religiosidade.

2. A adolescência

De forma bastante reduzida podemos afirmar que os conceitos relativos à juventude e adolescência nascem no bojo das estruturas construídas pela modernidade. Esse período se caracteriza pelo desenvolvimento da ciência moderna acompanhando a evolução das formas capitalistas de produção na qual a complexidade da divisão do trabalho demonstrava que novas necessidades se delineavam. Estas, por sua vez, produziram relações sociais específicas acompanhadas de determinadas maneiras de concebê-las e vivenciá-las. No que diz respeito à juventude, passa a ser entendida como a fase de vida dos indivíduos que se preparam para a inserção no mundo adulto através de um processo de construção de autonomia que se baseia na elaboração de determinados elementos que darão forma a uma identidade (pessoal e coletiva) adquirida através de experiências vividas, inseridas em uma teia de relações subjetivas, individuais, e objetivas, sociais.

Assim, a adolescência é a fase inicial do que se denomina juventude, e utilizando uma definição de Luiz Carlos Osório (1989) poderíamos compreendê-la como:

uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isto, não podemos compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Eles são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade ao fenômeno da adolescência (p. 10).

Ao se abandonar a idéia de que a adolescência seria uma simples fase de amadurecimento biológico, outras possibilidades de análise são encaminhadas como, por exemplo, “procurar entender todo o processo de aquisições e motivações da sociedade em que vivemos” (OSÓRIO, 1989: 13). É exatamente no ponto das aquisições e motivações da sociedade que se insere o interesse deste estudo em pensar como se constrói o imaginário religioso do

adolescente do mundo contemporâneo através da sua relação com as agências socializadoras da atualidade.

De acordo com alguns estudiosos, a adolescência é o momento em que o processo de construção da identidade¹ se torna mais crucial. A identidade, de uma forma bastante simplista, seria a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como um “ser no mundo” a partir de determinados vínculos de integração.

Para adquirir o sentido de sua identidade (esfera subjetiva), que ocorre num tempo determinado pela necessidade de maturação física (esfera biológica) o indivíduo processa nesse momento de desenvolvimento, as influências do meio (ambiente físico e realidade social), e temos que caminhar pelas teias da socialização para compreender como se forma o imaginário nesses indivíduos.

3. O processo de socialização e o imaginário.

De acordo com Claude Dubar (1997: p. 13) não se pode pensar o processo de construção da identidade sem relacioná-lo ao processo de socialização, ao mesmo tempo em que ele compreende essa identidade como produto de sucessivas socializações. Perceber essa relação dentro de uma perspectiva de continuidade durante a vida do indivíduo retira o caráter estático do conceito de socialização, que poderá, então, ser compreendido como um processo onde se estabelece uma dialética na relação indivíduo/sociedade, realizada numa contínua interação entre os agentes socializados e socializadores.

O conceito de amadurecimento encontrado em algumas colocações de Edênio Valle (1986), nos ajuda a dimensionar a importância da construção da identidade dentro da socialização. Para ele a maturidade humana, que é produto de uma construção identitária, ocorre a partir da “rede de relações sociais e culturais que o indivíduo e o grupo tecem com o meio em que vivem. Maturidade é, portanto, um fenômeno de relação dialética” (pp. 46-49). Pressupõe a relação do indivíduo com o ambiente e, fundamentalmente, com o outro, e se estende por toda a vida.

Para Peter Berger (1978) a socialização pode ser concebida como um processo de iniciação a fim de ingressar num mundo possível enquanto “processo de humanização integral e plena realização do potencial do indivíduo”. Este processo só se concretiza através da linguagem, pois é só a partir de sua apropriação, enquanto forma de comunicação, que a criança passa a reter e transmitir. A linguagem como forma de comunicação é também transmissora e

¹ A partir de todo o estudo realizado sobre o tema concluímos que o processo de construção da identidade de um indivíduo não tem finalização em uma determinada faixa etária, mas sim se constitui em um processo de aquisição que ocorre ao longo de toda a vida.

produtora da cultura, portanto se insere na esfera simbólica do processo de socialização, e por isso mesmo, participa da dinâmica relativa ao imaginário².

Berger também alerta para o fato de que a socialização não é um processo unilateral de pura assimilação/aceitação, ou seja, a criança não é uma “vítima passiva” da socialização que se apresenta como “um processo recíproco” que afeta a todos os envolvidos. Poderíamos dizer que a socialização só ocorre porque existe dentro desse processo um mecanismo de “interação e identificação com os outros”, onde a criança “aprende a *desempenhar o papel do outro*”. Nesse aprender a desempenhar papéis estão subjacentes significados sociais que a criança está introjetando através do microcosmo familiar que se insere no macrocosmo da sociedade da qual faz parte, estabelecendo a dinâmica entre o mundo interior do indivíduo e o mundo externo social.

Também, não podemos nos esquecer, que a criança é socializada não apenas para ser introduzida no mundo social, mas também para o exercício de uma “determinada individualidade”, que costuma ser designada pelo termo identidade, que é assimilada através das interações com os outros. A esse respeito Edênio Valle (1986) sinaliza para a importância de que se observe a “maneira pela qual a sociedade passa ao indivíduo o conceito que este faz de si próprio” (p. 57).

Visto desta maneira temos a impressão que o processo de socialização é uma forma de coerção que não dá espaços para transformações, mas apenas para reproduções de valores, atitudes, ações e comportamentos que se adequem às necessidades de um determinado modelo de sociedade. Mas, se assim fosse teríamos a história da humanidade inalterada desde os primórdios até os dias atuais, e sabemos que não é isto o que ocorre. Por isso, resgatamos mais uma vez Peter Berger que embora demonstre o peso inegável da socialização sobre os indivíduos não deixa de considerar o seguinte: “Sempre restará algo de espontâneo e incontrolável, que vez por outra rompe de forma imprevisível” (1978: 212). Edênio Valle também se pronuncia a esse respeito: “cada individualidade é plasmada por várias agências e grupos experimentais, cada um oferecendo ao indivíduo o seu repertório de comportamentos” (1986: 59).

É exatamente nesse ponto da discussão que percebemos a importância do papel do imaginário no processo de socialização, que através de sua dinâmica abre algumas possibilidades de compreensão sobre o que “rompe de forma imprevisível”, pois apesar do processo de socialização sustentar uma determinada “universalidade” na transmissão dos

² Gostaríamos de esclarecer que quando se fala em linguagem não estamos nos restringindo à linguagem oral, mas sim a todas as formas de linguagem que se colocam como instrumentos de significação e comunicação entre os indivíduos, que participam do imaginário de uma sociedade, portanto, na esfera do mundo simbólico.

valores sociais, é inegável a distinção que se observa entre esse processo e como ele é assimilado, transmitido e vivido pela posição em que se encontra o indivíduo na esfera social e na relação dialética que se observa entre este, o ambiente e a cultura.

Evidentemente que essa discussão ultrapassa os limites deste estudo, por isso vamos nos limitar a explicitar resumidamente o que se entende por real e por imaginário, e em que medida esse imaginário pode tornar-se um fator de transformação social, dentro do próprio processo de socialização, e qual o papel da família nessas interações.

O real é aqui entendido como a interpretação que os seres humanos dão à realidade, sendo que na construção dos significados que lhe são dados fazem parte as imagens, as representações e os símbolos, que por seu caráter remissivo nos envia para outra realidade a partir do momento em que significam algo além do seu próprio sentido primário. Ressaltamos que as coisas não são simbólicas em si mesmas, mas dependem de uma determinada vivência humana que assim as constitua.

Sabemos que é impossível uma vida social fora de uma rede simbólica, pois o simbólico: representa o real ou o que é indispensável para o agir e pensar e está presente em todas as esferas da vida social. Se não podemos negar que a eficácia de um símbolo é determinada por sua capacidade mobilizadora promovendo comportamentos sociais, é possível compreender a afirmação de que o imaginário “utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária” (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003: 23-24). Assim, além de incluir as representações de uma determinada sociedade, o imaginário engloba também o saber instituído, as idealizações, os sentimentos, valores, emoções e expectativas, traduzindo uma determinada forma de ver o mundo, de atribuir significados à realidade. Isto produzirá maneiras específicas de se relacionar com esse mundo “criado” por esse imaginário. O simbólico, o real e o imaginário se entrelaçam.

Se o imaginário é um tipo de força que move o mundo é impossível ignorá-lo no processo de socialização que prepara os indivíduos para entrar nesse mundo, levando em conta os dois pólos do processo, ou seja, o socializado e o socializante. O imaginário é um componente intrínseco da vida individual e social através do qual o indivíduo assimila (reservatório) os aspectos culturais da sociedade na qual faz parte, sendo o elemento que coloca em uma relação dialética (motor) o indivíduo e a sociedade em seus aspectos material e espiritual, constituindo-se em um elo entre a subjetividade pessoal e a objetividade social.

Esta concepção nos remete à questão da re-significação, ou seja, a partir do momento que existe uma tradução mental da realidade exterior, temos que admitir que essa tradução não necessariamente ocorrerá por uma única via. Neste sentido, o processo de socialização encontrará possíveis trajetos em seu caminho, pois nele se insere o imaginário aqui entendido

como um reservatório/motor, portanto um elemento dentro do processo que traz possibilidades de ações diferenciadas.

4. O imaginário religioso e a socialização

Quais são as “forças” mobilizadas pelo imaginário, enquanto ponte entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade social, responsáveis pelos aspectos inerentes à religiosidade transmitidas durante o processo de socialização?³

Voltemos, pois, a Laplantine e Trindade (2003) quando nos alertam que o imaginário não é a negação do real, ao contrário se apóia nele “para transfigurá-lo e deslocá-lo criando novas relações no aparente real” (p. 28). Ao transfigurar e deslocar o real teremos que admitir a atuação de um elemento novo no conceito de imaginário: a fantasia, que para eles: “Não deixa de ser real, porque não é uma ilusão ou loucura, mas uma outra forma de conhecer, perceber, interpretar e representar a realidade” (p. 80).

Em um mundo povoado pelas explicações racionais legitimadas pela ciência a fantasia é colocada em lugar desprezível, pois se afasta daquilo que acreditamos ser uma explicação racional dentro dos padrões conhecidos. Porém, sabemos que a ciência longe está de dar respostas a todas as necessidades e limitações humanas e, dentro delas, a necessidade de compreender coisas como a finitude e o sentido da vida. É aí que se instaura o imaginário religioso, apreendido desde a primeira socialização.

Rubem Alves - em seu livro *O que é religião?* (1999) - coloca com clareza a dimensão de transcendência como manifestação da esfera religiosa nos indivíduos que vivem em um contexto social tecido por construções simbólicas, onde a fantasia se demonstra a partir da capacidade humana de dar significado a sua existência.

Para ele o grande dilema da humanidade se inicia quando o ser humano se separa definitivamente dos outros animais, e ultrapassando os condicionamentos da programação biológica da espécie passa a inventar mundos, ou seja, cria a cultura que não é nada mais do que “esses mundos que os homens imaginam e constroem”. A partir disso, para Rubem Alves, o que a cultura faz é criar o *objeto desejado*. Na busca da concretização desse desejo o ser humano vai construindo símbolos para suprir o vazio que se instaura nessa própria busca de dar sentido a sua existência. “Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes” (1999: 24).

³ Neste estudo compactuamos com os pensadores que admitem o fenômeno religioso como um fenômeno que ultrapassa a esfera institucional objetivada em religiões tradicionais acompanhadas de doutrinas, credos, ritos e manifestações específicas, aceitando como dimensão religiosa a necessidade humana de superação das limitações e necessidade de realização de potencialidades latentes de nossa espécie, que denominamos de transcendência.

É, pois, no fracasso para as explicações existenciais que se abre espaço para a religião, inserida no nível da fantasia. Como outra forma de conceber a realidade faz parte do imaginário enquanto construção subjetiva que através do simbólico se objetiva e possibilita a criação do aspecto religioso dentro desse imaginário. Constrói-se, assim, a linguagem religiosa como uma forma específica de significar o mundo e o ser no mundo.

Assim, se a dimensão religiosa é o elemento que traz sentido a vida, não é possível ignorar essa dimensão quando se pensa no processo de socialização dos indivíduos e nas instâncias responsáveis por esse processo no momento em que esses indivíduos estão sendo preparados para entrar no mundo adulto, pois todas as dimensões da vida social e pessoal estão envolvidas nesse processo.

Nosso mundo (contemporâneo ocidental) é marcado pelo sistema capitalista de produção que produz determinadas estruturas de ordem material, determinadas ações e relações sociais, e determinadas representações simbólicas de toda a dinâmica que garante o funcionamento desse sistema, que se inserem em um imaginário específico.

De acordo com muitos estudiosos do atual contexto contemporâneo independentemente de ser considerado um momento novo da vida da humanidade, um prolongamento da modernidade ou uma fase de transição, os traços que mais o caracterizam de forma bastante sumária são: a transitoriedade das coisas, a volatilidade dos processos, a descartabilidade de elementos que faziam parte da estruturação do mundo criado pela modernidade racional capitalista, o sentido de solidão entre a multidão, a centralidade nas identidades individuais que se vêem frente à uma pluralidade de escolhas.

Nesse contexto o indivíduo se sente perdido, ou seja, não sabe bem qual o seu lugar, e não encontra tempo, seja pela rapidez das transformações, seja pela própria falta de referenciais concretos, para se situar. A ansiedade pelo futuro transformou o mundo numa grande nave cheia de incertezas. Isto certamente provoca uma crise de identidade.

Se como já foi dito a construção da identidade se relaciona ao processo de socialização que, por sua vez, tem como objetivo preparar o indivíduo para a entrada no mundo social cabe a indagação: Se há uma crise de identidade, também há uma crise no processo de socialização, portanto, os indivíduos que estão sendo preparados para entrar no mundo social estão sendo afetados por essa desestruturação pela qual a sociedade está passando. Ou seja, a falta de referenciais, a volatilidade das relações, a transformação de valores e comportamentos, as representações sobre o momento que se vive, são sentidas por todos os membros da sociedade e não apenas pelas crianças e adolescentes, que em princípio sofrem diretamente as ações do processo de socialização. Isto nos remete a outra indagação: Se os fundamentos do processo

de socialização estão passando por profundas transformações, como as instâncias socializadoras estão preparando os indivíduos para sua inserção no mundo social?

5. A família e a mídia como instâncias socializadoras contemporâneas.

No processo de socialização, independentemente do contexto em que ocorra, o papel das instituições é fundamental. No caso da família sua importância decorre do fato de ser a primeira instância socializadora do indivíduo, que se encarrega de transformar um ser que ao nascer é regulado pelos instintos, em um membro de uma determinada comunidade. Por isso, é a primeira instância a exercer a mediação entre o indivíduo e a sociedade. É nela que o indivíduo aprende seu papel sexual (feminino ou masculino), os sentimentos em relação aos outros, assimila os sistemas de valores compartilhados por seus parentes, assim como algumas técnicas para a sobrevivência, e aprende a linguagem que estruturará seus conhecimentos e suas maneiras de pensar, em outras palavras, de simbolizar o mundo.

A partir disso podemos dizer que a família interioriza e projeta aspectos de um imaginário coletivo predominante na sociedade da qual faz parte. Em uma análise sobre a socialização e a família, com ênfase no aspecto intergeracional, Maria Amália Faller Vitale (2005), coloca que as “relações intergeracionais compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo” (p. 91). Os legados geracionais são, então, apropriações das heranças simbólicas recebidas.

Se considerarmos que a reprodução da família ocorre a partir de condicionamentos culturais, portanto através de uma construção social em um determinado espaço/tempo, como podemos captar a dinâmica da família contemporânea que é a base da socialização dos adolescentes em estudo?

A “família” contemporânea é fruto do modelo da família nuclear burguesa. Esse modelo começa a se delinear durante o século XVIII, momento histórico de vitória da burguesia enquanto classe social. É neste contexto que a família (microcosmo) passa a refletir alguns elementos que compõem o universo da sociedade burguesa (macrocosmo), que se impregna no imaginário contemporâneo criando determinadas expectativas e ações socializadoras que interagem com o contexto atual possibilitando uma dinâmica de organização-desorganização-reorganização.

Do ponto de vista do lugar ocupado pela família na estrutura social mais ampla, devemos aqui abordar o seguinte: é inegável que a família contemporânea está sofrendo profundas modificações em sua dinâmica e estrutura internas, porém, também é inegável que sua importância longe está de ser abalada enquanto instituição que faz a primeira mediação entre

o indivíduo e a sociedade. Mas, as transformações operadas no contexto social da família contemporânea também fazem com que se ampliem as instâncias socializadoras que auxiliam o processo de inserção dos indivíduos no mundo social.

“Como compreender a especificidade do modelo de socialização na atualidade? Como compreender a particularidade do processo de construção das identidades a partir das mudanças estruturais e institucionais das agências tradicionais da socialização?” Esta indagação de Maria da Graça Jacintho Setton (2002), nos propõe uma reflexão sobre as mudanças ocorridas nessas agências socializadoras. Para responder à suas indagações, a autora coloca a necessidade de que se perceba a nova *configuração cultural*, ou seja, as novas estruturas nas quais se apóia o mundo contemporâneo, como determinantes na construção de um *habitus* que passa a ser mediada pela “coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias”, como é o caso da mídia. Assim, a família, a escola e a mídia, manteriam uma relação de interdependência que, em seu processo dinâmico de interação, teriam elementos de complementaridade e, elementos de conflito.

Para ela a realidade do mundo contemporâneo é formada por inúmeras “referências diferenciadas”, por uma “pluralidade de estímulos”, que formariam uma “matriz híbrida”, impossibilitando “padrões de conduta fechados”, e viabilizando uma “gama variada e heterogênea de experiências singulares de socialização”.

Inegavelmente a mídia, no processo dinâmico da socialização e como produto do contexto contemporâneo é, também, grande criadora, desconstrutora e reorganizadora de valores e representações que promovem determinadas relações sociais, portanto, tem um papel na construção do imaginário dos indivíduos. Além disso, cabe ressaltar que sua inserção na esfera da comunicação humana, por causa da inovação das tecnologias trazidas pela globalização, assume um lugar de destaque que se estende por todas as faixas de idade, em todas as classes sociais e nas mais diversas regiões do planeta. A comunicação passa a marcar forte presença no sistema de representações e ações sociais, que levaria a novas formas na interação das relações sociais e, por conseqüência, a novas práticas sociais.

Em outras palavras, a midiaticização da sociedade ao provocar uma produção de significados leva à formação de um determinado tipo de imaginário que, por sua vez, não deixa de conviver com produções coletivas de significados anteriores, mas que estabelece uma dinâmica específica que traz a essa sociedade sua compreensão, reprodução e transformação, dentro do contexto contemporâneo.

Ao situar o fenômeno midiático dentro do processo da comunicação social e esta, por sua vez, entendida em sua dimensão cultural, conseqüentemente, relacionada aos elementos inerentes ao imaginário, temos que recordar que toda a relação simbólica passa por mediações

que possibilitam as interações entre o que se entende por construção simbólica e sua concretização na inteligência e legitimação por parte dos indivíduos ou das sociedades.⁴

Pensar a mídia dentro do conjunto das mediações faz com que se amplie sua importância ultrapassando o âmbito apenas comunicacional, colocando-a em sua perspectiva de componente cultural, deixando, assim, de ser pensada como mero instrumento e passando a ser analisada em suas várias possibilidades de articulação e em seus desdobramentos para a construção social, redimensionando a discussão sobre a relação entre esses conceitos.

Isto fica mais claro quando, utilizando os conceitos de Joana Puntel (2005), admitimos uma forma específica de conceber as mediações como: “uma espécie de “zona livre” em que qualquer tipo de construção de significado tem probabilidade de acontecer, em que nenhuma lógica cultural domina o espaço de negociação em que todas as lógicas podem contribuir para o significado (p. 65)”.

Compreender as mediações como “zonas livres”, no processo de comunicação social em seu aspecto cultural, significa aceitar que uma nova dinâmica no processo de produção simbólica pode vir a se configurar, e que embora a mídia continue interagindo com outros elementos da vida social do indivíduo, o impacto que produz não pode ser desconsiderado.

Dentre esses desdobramentos provocados pela mídia, podemos enfatizar o que alguns autores denominam de “civilização da imagem”. Isto implica a consideração de que a geração que hoje está sendo socializada (adolescentes) para ser inserida no mundo social vivencia o mundo das imagens, e ao mesmo tempo constrói um imaginário que é proveniente de um conjunto de representações que priorizam a imagem.

A imagem pode ter um papel mediador no processo de construção de identidades individuais e coletivas, onde o reconhecimento do outro faz com que eu me reconheça e reconstrua a mim mesmo. Na medida em que o imaginário é o elo, o “conector obrigatório”, que liga o mundo social e individual através de mediações, no contexto contemporâneo, a imagem torna-se uma mediação discursiva da informação deixando de lado sua associação pura e simples ao mundo da aparência e da projeção subjetiva para inserir-se em sua nova configuração sociotécnica através das mídias visuais e, principalmente, nas últimas décadas do computador.⁵

Porque atua no campo simbólico, na criação e recriação de representações, de imagens significantes, construindo uma realidade virtual, estabelecendo uma relação com o real e elaborando um imaginário específico, podemos dizer, então, que a mídia exerce suas

⁴ Estamos entendendo por mediações “processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais” (MORAES, 2006, p. 88).

⁵ Não podemos nos esquecer que é na linguagem do computador que encontramos uma produção complexa de abstrações e símbolos que associam som, imagem, signos, números, enfim uma série de elementos que produzem o hipertexto.

influências sobre um indivíduo em formação, enquanto fantasia que permite dar asas à imaginação criando novos sentidos, novas representações que podem (ou não) transformarem-se em novas práticas. Pensada assim, a mídia se constitui no veículo principal para a criação de um novo referencial, que se situa na esfera do imaginário, portanto, o espaço onde a religiosidade reside.

Na pesquisa realizada, em 2006, com um grupo de adolescentes da classe média paulistana, com o objetivo de coletar dados para nossa dissertação de mestrado com relação ao papel da mídia na vida do indivíduo, o grupo, de uma maneira geral, percebe que ela está presente em vários momentos da vida das pessoas, mas deixam claro que tudo depende de como elas irão interagir com as mensagens transmitidas e mediadas por essa instância socializadora. Isto nos permite arriscar a dizer que o papel da mídia, para esses jovens, é uma realidade das quais não se pode prescindir, por isso mesmo, é necessário que se busque uma forma adequada de com ela se relacionar. Talvez isto confirme as possibilidades de novos espaços de interação que levem à novas configurações no processo de produção de sentidos⁶.

No que se refere à religiosidade, esse grupo demonstra que a partir das mensagens transmitidas durante o processo de socialização, assimilaram determinados estereótipos ligados às religiões. Também questionam os ensinamentos da Igreja Católica, que em suas experiências pessoais alegam não ter lhes explicado o sentido do mundo, um mundo real permeado de inconstâncias e múltiplas possibilidades, e afirmam o afastamento, os ajustes ou a escolha por outros caminhos, confirmando a questão da pluralidade religiosa no mundo contemporâneo e o enfraquecimento da transmissão de valores pela família e pelas igrejas tradicionais.

Sobre a influência da família apontaram que é ela que lhes mostra o caminho, confirmando que é essa instituição a primeira responsável pela transmissão dos legados geracionais (apropriações das heranças simbólicas), e dessa transmissão resultam muitas das identificações observadas nos grupos focais utilizados para a coleta de dados. Mas, assim como mostra os caminhos, a família também deixa que a escolha religiosa seja decidida por eles. Isto talvez seja um indicativo das transformações que estão ocorrendo no seio da família contemporânea no sentido de ajustes com a realidade do contexto atual. Poderíamos dizer que eles estão na busca, a partir das experiências pessoais e na experiência cultural acumulada

⁶ Recorrendo a Umberto Eco (2001), esta percepção se associa a idéia desse pensador sobre a “construção e manipulação do imaginário coletivo”, onde existiria nesse processo um espaço de ambigüidade que retira o controle total da mídia sobre o indivíduo, a partir da possibilidade de uma recepção ativa que pressupõe escolhas que levam em conta determinados contextos e necessidades.

transmitida pela tradição, de respostas para encontrar os caminhos que os leve a superar os desafios que o exercício da religiosidade parece apontar.

Esta percepção é reforçada ao retomar alguns dados da pesquisa sobre a juventude brasileira (2005), no item elaborado por Helena W. Abramo que trata da condição juvenil e da importância da família no sentido de referência afetiva, ética, comportamental e para o próprio processo de construção identitária, onde se encontram os seguintes resultados:

A família é a instituição em que os jovens mais confiam, dentre todos os itens pesquisados: 98% dizem que confiam, 83% totalmente. Perguntados sobre qual fator é mais importante para seu amadurecimento, 72% da amostra citou a família, com frases focadas no apoio e orientação para o enfrentamento das questões com que se defrontam na vida. Outras instâncias, como escola, rua, trabalho e igreja, são citadas em escala bem menor (respectivamente, 13%, 7%, 5% e 3%) (p. 61).

Consideram que a sociedade está mais aberta sobre as questões religiosas, mas ao mesmo tempo também acham que é uma sociedade que não se importa mais com a religião, “pessoas são muito ocupadas”. Talvez a percepção de que a sociedade não se importa mais seja entendida como um sinal de abertura, no sentido de permitir que a escolha que fizerem não será questionada, até porque ou já tiveram o aval familiar, ou compreendem essa escolha como um fato pessoal.

Este aspecto pode nos remeter à problemática do individualismo que permeia as relações sociais no mundo contemporâneo, elemento muito presente nas características que envolvem todo o processo de socialização desses adolescentes, em busca de uma identidade e de uma produção independente, mas diante de um cenário com muitas variáveis e estímulos perceptivos, que fragmentam o sentido da vida e de sua busca de maturação.

Talvez porque essa característica da escolha pessoal, do individualismo, seja um componente muito significativo para estes adolescentes, é que demonstraram tolerância com a descrença (ateu), no sentido de que o não concordar com o outro, às vezes sequer entender, não elimina a necessidade de respeito. Por mais contraditório que possa parecer, talvez, o fato de reivindicar a necessidade de que se respeite a escolha individual os faz aceitar as diferenças, aproximando-os de um princípio ético, o da alteridade. A religiosidade pode ser uma saída perceptiva que dá ao imaginário do adolescente esse sentido do por quê da busca e permite identificações morais com o Bem, o Mal e a ética.

6. Considerações finais.

O grupo de adolescentes, participante da referida pesquisa, se encontra em um momento da vida que os coloca frente a indagações que os leva a questionar e reavaliar os sentidos

atribuídos ao mundo que receberam da socialização, incluindo aí a importância do imaginário religioso.

Anteriormente observamos que a família está se modificando. Captar o movimento de organização-desorganização-reorganização, estreitamente ligado ao contexto sócio cultural na qual se insere, nos faz indagar se as modificações provocadas por esse movimento acompanham as necessidades dos adolescentes de significar sua existência.

Por isso é inegável admitir que a dinâmica da vivência familiar não pode se limitar à mera reprodução de modelos. Se por um lado alguns valores que a família transmite são incorporados como válidos, por outro nem tudo aquilo que é transmitido pode ser re-significado pelas novas gerações, na medida em que existem novas mediações no contexto atual que trarão novas formas de significar a partir da relação entre a tradição e o novo.⁷

Não podemos nos esquecer de que a família inserida que é em um contexto cultural pressupõe que determinadas escolhas são feitas dentro das heranças simbólicas por ela transmitidas e administradas, que implicam em uma determinada ética. Isto certamente fará muita diferença na construção das identidades dos indivíduos e no exercício dessas “determinadas individualidades”, permeadas pelo imaginário e pelas significações de existir no mundo, espaço do imaginário religioso. Porém, não podemos nos esquecer que uma das características da adolescência é que esse é o momento da construção de valores e uma ética própria (OSÓRIO, 1989).

Nesse sentido, a importância da família contemporânea em seu processo de reorganização e enquanto mediação entre o indivíduo e a sociedade, deveria estar focada em transmitir os subsídios para que as crianças e os jovens assimilem em suas construções identitárias os elementos que propiciem fazer escolhas pautadas em uma ética que considere o outro em suas dimensões específicas. A importância disto não pode ser desconsiderada, pois a “relação com o outro é um processo que se estende por toda a vida” (VALLE, 1986: 47).

Dentro dessa ética que dimensione o outro numa relação de respeito e autonomia e não de dependência, é que situamos a importância dos valores próprios da religiosidade na busca pela superação das limitações e a necessidade de realizar as potencialidades humanas, cujo sentido, como sabemos, é transmitido inicialmente pela família.

Pelo que foi exposto, podemos concluir em relação à família, que apesar de todas as reestruturações pelas quais está passando, continua sendo uma fonte sólida de referências em

⁷ Em Juremir Machado da Silva (2006) encontramos uma frase que talvez seja apropriada para significar o que pretendemos dizer, ou seja, a dinâmica das apropriações provenientes do processo de socialização em sua interação com o imaginário são como “**um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes**” (p. 8).

várias dimensões, podendo ser considerada um dos pilares de formação do imaginário religioso como reservatório.

Em suas possibilidades de atuar como agente motor de transformações no imaginário religioso dos indivíduos em formação, também podemos dizer que apresenta indícios de se aproximar desse conceito. No discurso dos adolescentes estudados observamos várias menções ao fato do princípio de escolha que a família lhes confere no que tange ao exercício da religiosidade. Isto pode estar demonstrando, em primeiro lugar que essa instância socializadora está tentando se adaptar às transformações do mundo contemporâneo, no sentido de ter a sensibilidade de perceber que existem múltiplos caminhos para exercer a religiosidade e, talvez, a “verdade” possa estar em qualquer um, ou em todos. Em segundo lugar pode estar demonstrando que a família vive a condição ambígua do atual contexto, em outras palavras, seria um sintoma da falta de referências concretas, daí a impossibilidade de indicar qualquer caminho.

Acreditamos que no caso da primeira possibilidade, a de uma percepção de que existem outras lógicas e múltiplos caminhos para o exercício da religiosidade, que não necessariamente devem passar pelas instituições tradicionais para se objetivar na vida desses indivíduos em formação, pode estar em construção a possibilidade de que estes adolescentes realmente produzam outros sentidos calcados em uma ética que priorize a alteridade, a partir dessa postura assumida pela família, que ao perceber a riqueza deste momento que estamos vivenciando ajude a encontrar as “condições contidas virtualmente em algo” (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003: 27) e, assim dê sua contribuição para uma verdadeira transformação social voltada para uma nova ética.

Embora a pesquisa tenha demonstrado a importância do papel da mídia na construção do imaginário religioso dos adolescentes, também demonstrou a importância da família e da sociedade no sentido de contribuir com uma determinada forma de pensar o exercício da religiosidade. Isto certamente implica em responsabilidades no sentido de refletir sobre que valores estão sendo transmitidos e incorporados para significar o mundo e o ser no mundo.

De acordo com Osório (1989), em sua tarefa de **“ouvir e entender o adolescente”**, com as profundas transformações e falta de referenciais, agravam-se os questionamentos que os jovens colocam no contexto atual, daí a urgência em que se proceda a um processo de **“escuta”** desses jovens.

As novas produções de sentido que se elaboram neste contexto, talvez indiquem que, esses adolescentes, estejam resgatando formas alternativas de viver que privilegiem o *ser* e não o *ter*. Se não podemos arriscar no resultado, podemos ao menos, afirmar que “algo novo” está

surgindo. Compreender os “sinais” que a atual geração está dando com relação a algumas transformações significativas que estão ocorrendo dentro da própria socialização, é imperioso.

No atual contexto, permeado por uma pluralidade de estímulos e diferentes referenciais, tudo em constante transformação, mais se aplica a idéia de probabilidades do que de certezas com relação aos modelos hoje transmitidos, que podem ou não ser apropriados pelos adolescentes no sentido de construir suas identidades individuais e sociais.

O processo de reflexão que rompe com uma atitude passiva, aberta a várias possibilidades, é um dos aspectos da narrativa contemporânea que não podemos deixar de aproximar da dinâmica do imaginário. Aproveitar a nova postura que se abre até com relação às verdades científicas de que existem possibilidades de apreensão e transformação do real a partir de uma lógica “inteiramente outra” que não é nem mais nem menos válida que a lógica racional que dá os fundamentos da ciência moderna.

No caso do mundo contemporâneo é o uso de novos instrumentos que deve ser compreendido assim como seus desdobramentos. Só assim seremos capazes de compreender que existe algo se modificando na atual geração, que novos sentidos estão sendo produzidos pelas novas mediações de instrumentos de informação e comunicação, em sua dimensão cultural. As produções midiáticas ampliam os repertórios disponibilizados possibilitando a produção de outros sentidos e a construção de várias versões.

Desta forma, acreditamos que seria mais produtivo, e para tal afirmação nos apoiamos em nossa pesquisa de campo, se as instituições tradicionalmente responsáveis pelo processo de socialização do indivíduo (família, escola e, neste caso, também as religiões tradicionais) se colocassem uma reflexão sobre como partilhar dessas novas possibilidades, ao invés de criticá-las como “desvios”. Talvez isso auxiliasse em rumos realmente mais positivos para os jovens que deverão assumir um projeto de vida, que poderá levar a sociedade a outros sentidos de *existir*, a partir de novas formas de vivenciar a religiosidade.

Muitos estudiosos do momento contemporâneo atentam para o fato de que a ética volta a permear as reflexões e propostas de superação dos efeitos perversos do projeto de modernidade pautado na racionalização das coisas. A dimensão religiosa, no sentido da busca da transcendência, se mostra um espaço rico de possibilidades para que se pense em um novo projeto para *ser* no mundo.

Não é difícil ouvir e dialogar com a geração atual sobre suas angústias, necessidades e dúvidas para significar sua existência. Percebemos que os adolescentes em questão demonstraram uma capacidade de abertura e de apropriação para com o universo cultural do contexto contemporâneo. Eles apenas questionam que a geração adulta, socializadora, não consiga escutar suas vozes.

Para que as vozes possam ser ouvidas as instâncias tradicionais de socialização têm que modificar posturas cristalizadas por contextos diferentes do atual, abrindo-se para um diálogo que permita uma reflexão da necessidade ética do exercício da alteridade nas relações que permeiam a multiplicidade de experiências religiosas no mundo contemporâneo.

É necessário que se faça um esforço no sentido de **partilhar responsabilidades e sensibilidades** enquanto agentes do processo de socialização para que não se permita que os projetos futuros, a própria vida desses adolescentes de hoje, se torne “*senha de outra vida nova que envelhece antes de romper o novo*” (DRUMMOND DE ANDRADE, *Parolagem da Vida*).

Referências bibliográficas:

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In, ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto de Cidadania, 2005.
- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BERGER, Peter. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- DUBAR, Claude. *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1997.
- LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MORAES, Denis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artmed, 1989.
- PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- QUEIROZ, José J. (Org). *As interfaces do sagrado: em véspera do milênio*. São Paulo: Olho D'água, 1996.
- QUINTILIANO, Angela M. Lucas. *Na tela do cinema a luz da revelação: imaginário religioso de adolescentes e a mídia cinematográfica*. 2008.217p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC-SP. São Paulo.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria de *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, USP, Faculdade de Educação, 2002, n° 20, p.60-70.
- SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do Imaginário*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- VALLE, Edênio. *Psico-Sociologia e Educação da Juventude*. São Paulo: Instituto da Família, 1986.
- VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). *A família contemporânea em debate*. 6. ed. São Paulo: EDUC / Cortez, 2005. p.89-96.